



**Eixo temático: O Professor, a Docência e as suas Práticas Pedagógicas no contexto das TDIC**

## **AUTONOMIA OU EMANCIPAÇÃO NA EAD? UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS PRÁTICAS DOCENTES**

*AUTONOMY OR EMANCIPATION IN DISTANCE EDUCATION? A CRITICAL ANALYSIS OF TEACHING PRACTICES*

- **Ricael Spirandeli Rocha** (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) – ricael.edu@gmail.com)
- **Paula Teixeira Nakamoto** (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) – paula@iftm.edu.br)
- **Cristiano Silveira Silva** (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) – cristianowa1150@gmail.com)
- **Hugo Leonardo Pereira Rufino** (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) - hugo@iftm.edu.br)

### **Resumo:**

Este estudo buscou analisar e refletir criticamente sobre as práticas docentes na Educação a Distância (EaD), investigando a autonomia dos docentes nessa modalidade educacional e propondo estratégias para combater a autonomia ilusória que pode surgir nesse contexto. Com uma abordagem qualitativa e bibliográfica, a pesquisa buscou compreender a autonomia dos docentes na Educação a Distância (EaD), propondo estratégias para superar a autonomia ilusória. Os resultados apontam que a emancipação docente é fundamental para a transformação da EaD, enfatizando a relevância da formação de professores críticos, reflexivos e autônomos. Investir nesse aprimoramento não só impulsiona o desenvolvimento profissional dos docentes, mas também corrobora para oferta de uma educação de qualidade, promovendo uma sociedade mais justa. Contudo, a falta de suporte adequado e a carga excessiva de trabalho prejudicam não só os docentes, mas também comprometem a qualidade educacional, reforçando uma visão limitada do papel do professor na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Educação a Distância. Autonomia Docente. Emancipação. Análise Crítica e Reflexiva.

### **Abstract:**

This study aimed to analyze and critically reflect on teaching practices in Distance Education (DE), investigating the autonomy of educators in this educational modality and proposing strategies to combat the illusory autonomy that may arise in this context. With a qualitative and bibliographic approach, the research sought to comprehend the autonomy of educators in Distance Education (DE), suggesting strategies to overcome illusory autonomy. The results indicate that educators' empowerment is crucial for the transformation of DE, emphasizing the importance of training teachers to be critical, reflective, and autonomous. Investing in this enhancement not only drives the professional development of educators but also contributes to providing quality education, promoting a fairer society. However, the lack of adequate support and excessive workload not only harm educators but also compromise educational quality, reinforcing a limited view of the teacher's role in contemporary society.

**Keywords:** Distance Education. Teacher Autonomy. Emancipation. Critical and Reflective Analysis.



## 1. Introdução

Frequentemente observa-se uma incansável busca por autonomia na Educação a Distância (EaD), a qual conduz à consideração de um elemento intrigante: a autonomia ilusória. Nesse contexto, emerge uma reflexão profunda sobre o papel do docente, muitas vezes concebido como um mero especialista na função técnica de transmissão do conhecimento.

O anseio por autonomia educacional, embora louvável, se confronta com a realidade da autonomia ilusória a qual refere-se à percepção equivocada de independência e controle por parte do professor em contextos educacionais, quando na realidade, fatores externos ou limitações substanciais podem comprometer sua verdadeira autonomia (Contreras, 2012).

Paradoxalmente, enquanto o docente almeja uma emancipação intelectual, a realidade impõe obstáculos a essa aspiração. É nesse contexto que surge a oportunidade para uma reflexão crítica, evidenciando as múltiplas camadas que envolvem o papel do professor no cenário da EaD.

Não obstante, Contreras (2012) define a autonomia como um processo multifacetado que transcende a mera liberdade de ação. O autor enfatiza a importância de romper com a rigidez curricular e das estruturas padronizadas, concedendo ao professor maior liberdade para atender às individualidades dos alunos. Ressalta ainda que a autonomia não se confunde com individualismo, mas sim com a capacidade de participação ativa e colaborativa no processo educacional (Contreras, 2012).

Dessa forma, indaga-se: Como a autonomia ilusória impacta o papel do docente na Educação a Distância, e de que maneira pode ser superada para promover um ambiente educacional mais autônomo?

Nesse sentido, este estudo objetivou analisar e refletir criticamente sobre as práticas docentes na EaD, uma modalidade em expansão no país. A pesquisa buscou compreender a existência de autonomia por parte dos docentes nessa modalidade educacional, propondo estratégias para combater a autonomia ilusória que pode surgir no contexto da EaD.

## 2. A autonomia ilusória na EaD e o papel essencial do docente

Ao se limitar a uma visão tecnicista na EaD, o professor se distancia da profunda conexão humana que o ato de educar pode promover. Essa postura obscurece a amplitude do aprendizado, que vai além da lógica fria e racional, relegando a segundo plano a riqueza das experiências, das emoções e da criatividade que são essenciais para um verdadeiro processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, a figura do professor é peça fundamental no processo educativo, transcende a mera função técnica de transmissor de conhecimento. No contexto educacional contemporâneo da EaD, Behar (2009) destaca que o docente deve assumir um papel transformador e multifacetado, atuando como mediador na construção do conhecimento em conjunto com seus alunos.

Partindo para o pensamento crítico e reflexivo, Contreras (2012) problematiza a “autonomia ilusória” do professor, quando este se limita à aplicação de métodos predefinidos sem questionar suas finalidades. Essa visão reducionista ignora a capacidade do docente de adaptar sua prática às necessidades e características individuais dos alunos, tornando-se um mero executor de um programa curricular predefinido, ou seja:

Tal autonomia é enganosa [...], o ensino entendido como aplicação técnica, como prática dirigida à obtenção de resultados ou produtos previamente definidos, não é uma prática



criativa, e sim apenas reprodutiva, dirigida a reproduzir nos alunos os objetivos que guiam seu trabalho. As capacidades que se associam à ação autônoma, como a deliberação e o juízo, ficam aqui reduzidas em um conjunto de habilidades e regras que devem ser seguidas (Contreras, 2012, p. 112).

A visão do professor como técnico, limitada à aplicação de técnicas e métodos padronizados, subestima sua expertise e potencial criativo. O docente, em sua atuação mediadora, vai além da mera aplicação de técnicas, assumindo um papel de orientador, facilitador e incentivador da autonomia real dos alunos. Para tanto, Freire (2011) propõe uma pedagogia dialógica, na qual o professor e os alunos são co-participantes na construção do conhecimento. Essa abordagem contrasta com a visão bancária da educação centrada no docente, onde o professor deposita o conhecimento nos alunos de forma passiva, sem se preocupar no engajamento crítico dos alunos em busca pelo entendimento.

No entanto, a concretização desse ideal frequentemente encontra desafios na realidade da EaD. A ilusão de autonomia se manifesta quando os estudantes são incentivados a pensar que têm total controle sobre sua aprendizagem, mas, na prática, acabam limitados por currículos inflexíveis e abordagens de ensino padronizadas (Contreras, 2012).

Nesse contexto, Nóvoa (2009) utiliza a ideia de “artesão do saber” para ilustrar o papel do docente na criação de um ambiente propício à aprendizagem. O docente, com sua experiência e sensibilidade, seleciona materiais, ferramentas e estratégias pedagógicas, juntamente com tutores e equipe instrucional da EaD para esculpir o conhecimento em conjunto com seus alunos (Filtro, 2018).

Sob tal perspectiva, a autonomia real do professor se configura como um processo contínuo de reflexão crítica sobre sua prática docente. Essa autonomia permite que o professor tome decisões pedagógicas embasadas em sua experiência e conhecimento, adaptando-se às necessidades e características de cada turma sobre a esfera da EaD (Machado; Moraes, 2015).

Diante dessa realidade, o professor assume um papel fundamental de desmistificador, conduzindo os alunos a uma compreensão genuína do significado de autonomia no processo de aprendizagem. Essa missão exige do professor um compromisso com a construção de um ambiente educacional que valorize a individualidade, a criatividade e o protagonismo dos alunos.

No cerne deste contexto, Giroux (1997) adverte sobre os perigos da “pedagogia do medo”, que busca controlar e padronizar o processo educacional. Em contraposição, defende uma pedagogia crítica que empodera os alunos e os incentiva a questionar as estruturas de poder existentes. Essa pedagogia crítica pode ser encontrada na EaD, pois, segundo Mill (2012) o docente emerge sua mediação através de recursos educacionais digitais característico da modalidade, unindo uma pedagogia crítica sobre a prática docente com possibilidades tecnológicas de recursos educacionais.

Ao considerar o professor como um técnico, corre-se o risco de subestimar sua habilidade de adaptação e inovação. Cada grupo de estudantes é singular, e o docente deve ter a liberdade e flexibilidade para ajustar sua abordagem de acordo com as necessidades e características dos alunos. É importante compreender que ao ver o docente como mero técnico, logo incorpora-se uma visão daquele docente que desempenha a função de aplicar métodos e atingir objetivos, e sua profissionalidade está associada à eficácia e eficiência nessa aplicação e conquista. Não é parte de sua prática profissional questionar as aspirações do ensino, mas apenas cumpri-las de maneira eficaz (Contreras, 2012).



A verdadeira autonomia do professor não se resume à mera aplicação de técnicas pré-definidas, mas sim à capacidade de tomar decisões pedagógicas embasadas em sua experiência e expertise. Essa autonomia se configura como um pilar fundamental da educação contemporânea, que exige uma ruptura com a concepção tradicional de sala de aula.

Na educação do passado, o professor era detentor único do conhecimento, enquanto os alunos se limitavam a ser receptáculos passivos de informação (Moran, 2000). Essa visão, ultrapassada e ineficaz, impede o desenvolvimento pleno do potencial dos alunos e limita o processo de ensino-aprendizagem. Em contraposição a essa visão tradicional, a EaD contemporânea propõe um modelo centrado no aluno, onde o professor assume o papel de um mentor intelectual. Isso significa que o professor atua como um guia, orientando os alunos a questionar, analisar e construir suas próprias perspectivas.

Sendo assim, a autonomia do professor é essencial para a construção de uma educação de qualidade, que valoriza o desenvolvimento integral dos alunos e os prepara para serem protagonistas de seu próprio aprendizado. Para que essa mudança se concretize, é fundamental que o professor seja visto como um parceiro ativo no processo educacional. Essa parceria se baseia na confiança mútua, no respeito e na valorização das diferentes experiências e conhecimentos.

### **3. Superando a autonomia ilusória na EaD**

Para superar a autonomia ilusória, faz-se necessário uma educação verdadeiramente autônoma que exige profunda transformação na visão do papel do professor, superando o papel de um mero executor de técnicas pré-definidas, o docente assume a função de um agente de transformação intelectual, nutrindo e cultivando a autonomia dos alunos em um ambiente de aprendizado dinâmico (Moran, 2000; Filatro, 2018). O professor, dotado de conhecimento e experiência, age como um guia experiente, direcionando os alunos em sua jornada de aprendizagem e estimulando o desenvolvimento de seu senso crítico e habilidade de pensamento autônomo.

A autonomia na EaD não se trata de um estado estático, mas sim de um processo contínuo e dinâmico. Autores como Freire (2011) e Contreras (2012) apontam formas de superar a autonomia ilusória, defendendo a ideia que a verdadeira autonomia vai além da mera capacidade de tomar decisões, mas reside na habilidade de refletir criticamente sobre essas escolhas e agir de forma consciente e informada.

A busca por autonomia deve ser encarada como um exercício de emancipação, que empodera os alunos para se tornarem protagonistas na construção do próprio conhecimento (Freire, 2011; Mill, 2012). A pedagogia freiriana destaca o diálogo e a interação como elementos essenciais para a construção do conhecimento, sendo um facilitador do processo de descoberta, incentivando os alunos a questionarem, explorarem e se envolverem em discussões significativas (Freire, 2011).

Evidenciando o contexto da EaD, a ascensão dessa modalidade trouxe consigo a expectativa de uma “autonomia inovadora” no processo educacional, mas, frequentemente, essa autonomia se revela como uma ilusão. Dentro da EaD, a busca pela autonomia muitas vezes esbarra em obstáculos complexos que comprometem sua realização genuína. A suposta liberdade inicial de horários e locais de estudo pode ser obscurecida por uma sensação de isolamento e pela falta de interação direta com professores e colegas.

Ao adentrar um ambiente virtual de aprendizagem, o estudante pode se ver desorientado em meio a um labirinto de informações, sem a devida orientação para navegar pelos conteúdos.



Adicionalmente, a autonomia na EaD frequentemente impõe uma carga extra sobre o estudante, demandando habilidades autodirigidas que nem todos possuem (Moore, 1993).

Ao analisar a concepção de autonomia ilusória na EaD, compreende-se que a simples disponibilidade de conteúdo online e a flexibilidade de horários não são adequados para fortalecer a autodeterminação dos alunos.

A ilusão da autonomia pode surgir quando o currículo é rigidamente estruturado, desconsiderando as necessidades individuais e as diversas formas de aprendizado dos alunos. A busca por uma autonomia verdadeira demanda um currículo que fomente o pensamento crítico, acomodando diferentes estilos de aprendizagem e permitindo que os estudantes escolham trajetórias que despertem seu interesse e motivação.

Na EaD, a ilusão de autonomia pode camuflar a falta de engajamento real dos alunos. Para superar essa armadilha e fortalecer a independência dos estudantes, o currículo precisa ser repensado como um ecossistema educacional interativo. Moore (1993) e Mill (2012), destacam a interação como chave para a construção do conhecimento e da autonomia. Essa interação pode se manifestar de diversas formas como: debates online, fóruns, perguntas e respostas; projetos em grupo, tutoria entre pares, comunidades de aprendizagem online; recursos multimídia interativos, simulações, plataformas adaptativas (Moore, 1993; Mill, 2012).

Ao criar ambientes virtuais de aprendizagem que incentivam essas interações, Filatro (2018) assevera a necessidade de romper com a passividade da falsa autonomia e promover a participação ativa e envolvente dos alunos. Nesse novo paradigma, o currículo se transforma em um espaço dinâmico e pulsante, onde os alunos são protagonistas de sua jornada de aprendizagem. Eles controlam o ritmo, escolhem os caminhos e constroem o conhecimento de forma colaborativa e interativa (Veiga, 2007).

Outra consideração vital reside na redefinição do papel do docente no contexto da EaD. O professor não deve ser percebido simplesmente como um comunicador de dados, mas como um facilitador que orienta os alunos em sua jornada de aprendizagem autônoma. Através de abordagens personalizadas de orientação, feedback construtivo e estímulo ao pensamento crítico, o educador pode ajudar os alunos a explorar o currículo de maneira mais significativa, auxiliando-os a superar desafios e compreender os conteúdos de maneira imersiva.

Dessa forma, a autonomia ilusória ressalta a urgente necessidade de uma reavaliação profunda da EaD. O professor não deve se restringir ao papel de executor de metodologias padronizadas, mas sim, se colocar como agente transformador que capacita os aprendizes a se tornarem pensadores independentes e proativos na sociedade. A verdadeira autonomia não se configura como um ponto culminante, mas sim como uma jornada contínua de conhecimento, na qual o professor desempenha um papel crucial ao orientar, dialogar e promover uma mentalidade crítica e autônoma nos alunos.

#### **4. Metodologia**

O percurso metodológico deste estudo fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa, tendo a pesquisa bibliográfica como ponto de partida. Essa metodologia possibilita a investigação do objeto de estudo em seu contexto histórico, social e cultural, aproximando-o da realidade em análise (Gil, 2008).

Além disso, a pesquisa também se caracteriza como social, crítica e reflexiva, buscando uma compreensão mais profunda do objeto de estudo por meio de métodos qualitativos. Conforme Gil



(2002, p. 42), essa abordagem viabiliza a "obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social".

Para tanto, Minayo (2004, pp. 21-22) destaca que a pesquisa qualitativa "trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes", explorando um espaço mais profundo de relações, processos e fenômenos que não podem ser quantificados.

Na condução bibliográfica, adotou-se a abordagem exploratória, sendo esta utilizada devido ao tema ser pouco explorado e apresentar limitado aprofundamento teórico. Conforme Gil (2008, p. 41), "a pesquisa exploratória, na maioria dos casos, assume a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso", ou seja, "a metodologia visa interpretar o tema em sua dinâmica, considerando a realidade político-social, sem buscar confirmar ou refutar hipóteses. As abstrações são construídas à medida que os dados coletados são agrupados" (Bogdan; Biklen, 1994, p. 50).

Diante dessa consideração, é fundamental destacar a importância de uma abordagem reflexiva que permita uma análise crítica dos dados, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do fenômeno em estudo. A pesquisa qualitativa, ao privilegiar a profundidade e a riqueza das informações, possibilita uma exploração minuciosa das complexidades envolvidas no objeto de pesquisa, enriquecendo a interpretação e as conclusões. Essa abordagem flexível e imersiva favorece a dialética sobre uma determinada temática, promovendo uma análise mais focalizada e contextualizada do objeto em questão.

## 5. Resultados e Discussão

Os desdobramentos da pesquisa e a análise subsequente procuraram estabelecer um diálogo reflexivo, incorporando as ideias de autores que abordam a autonomia docente e a estrutura da EaD na contemporaneidade.

No cenário educacional, a busca pela autonomia docente desponta como tema central, permeando reflexões que ressoam nos corredores das instituições de ensino. Ambos os conceitos carregam a promessa de um futuro auspicioso para a educação, onde o professor desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, engajados e sedentos por conhecimento.

A autonomia docente refere-se à capacidade do educador de tomar decisões relacionadas ao planejamento curricular, metodologias de ensino e avaliação da aprendizagem (Contreras, 2012). Nesse contexto, Perrenoud e Thurler (2009) destacam que o professor deve assumir a posição de líder intelectual, adaptando-se às necessidades e interesses dos alunos, proporcionando espaço para criatividade e experimentação. Por meio da autonomia, o docente possui a liberdade para explorar diversas abordagens pedagógicas, incorporar novas tecnologias e contextualizar o conteúdo às realidades sociais e culturais dos estudantes.

Contudo, a emancipação docente vai além da autonomia, adentrando um território mais profundo e sistêmico. Ela configura-se como um processo que visa capacitar os professores, tornando-os agentes de transformação em suas carreiras e na educação como um todo (Freire, 2011). A emancipação incentiva os educadores a engajarem-se na pesquisa educacional, questionarem normas pré-estabelecidas e desafiarem paradigmas ultrapassados. Essa perspectiva não se restringe à mera concessão de autonomia, mas impulsiona os professores a assumirem um papel ativo na construção das políticas educacionais e na busca incessante pela melhoria dos sistemas de ensino.

O universo educacional assemelha-se a um solo fértil, onde as sementes do conhecimento são meticulosamente plantadas, cultivadas e, ao longo do tempo, florescem em mentes ávidas por aprender. Perrenoud e Thurler (2009) apontam que a figura do educador transcende a simples



transmissão de informações, assumindo a responsabilidade de ser um mentor, um guia que inspira e incentiva o desenvolvimento pleno de cada sujeito. Nesse contexto, a emancipação docente torna-se mais do que um objetivo final, transformando-se em um horizonte em constante evolução, impulsionando a busca por uma educação cada vez mais justa, libertadora e humanizada.

A emancipação docente não se resume a uma simples troca de termos, mas representa uma metamorfose profunda que requer a transfiguração da cultura e da estrutura do sistema educacional. Esse processo de mudança vai além da busca pela autonomia, sendo, na verdade, uma libertação que outorga aos professores o poder de atuarem como agentes transformadores na sociedade.

Para efetivar essa metamorfose, Behar (2009) destaca a valorização da profissão docente na EaD, reconhecendo o papel desempenhado na formação do sujeito independente. Isso implica na criação de ambientes de trabalho dignos, na disponibilização de oportunidades contínuas de formação e na promoção de espaços para a colaboração e troca de experiências entre colegas.

A emancipação docente não se restringe à aplicação de técnicas pré-definidas, mas envolve a construção de um conhecimento docente singular, oriundo da experimentação e da reflexão crítica sobre a prática pedagógica. A sala de aula se transforma em um laboratório dinâmico, onde o conhecimento se renova a cada interação entre professor e aluno, ou seja:

A própria aspiração à emancipação não é interpretada como a conquista de um direito profissional individual, mas como a construção das conexões entre a realização da prática profissional e o contexto social mais amplo, que também deve ser transformador (Contreras, 2012, p. 204).

Nesse contexto, o professor assume o papel de um "cientista educacional", integrando o conhecimento científico à arte da pedagogia, criando um ambiente de aprendizagem que estimula a curiosidade e paixão pelo saber. Através da experimentação e pesquisa, o docente elabora um currículo flexível e contextualizado, atendendo às necessidades e interesses dos alunos (Ruhe; Zumbo, 2012)

Contrariamente ao que se poderia presumir, autonomia e emancipação não são conceitos antagônicos. A autonomia pode ser vista como um estágio relevante no trajeto em direção à emancipação, permitindo que os professores assumam maior controle sobre sua prática pedagógica. Contudo, a emancipação vai além da autonomia, envolvendo a elaboração de um projeto político pedagógico voltado para a transformação social.

Para concretizar essa metamorfose, é importante que os professores se envolvam em debates sobre políticas educacionais e assumam o protagonismo na construção de uma educação mais justa, inclusiva e emancipadora.

Na esfera da EaD, a busca pela autonomia profissional e emancipação docente assume uma complexidade ainda mais fascinante. A autonomia, por um lado, representa um elemento significativo na construção de um ensino de qualidade, proporcionando ao professor a liberdade para explorar as ferramentas digitais e traçar sua própria trajetória pedagógica.

Por outro lado, a emancipação docente surge como um caminho essencial a ser percorrido, especialmente quando confrontada com a predominância do tecnicismo na EaD. Embora as plataformas digitais e os avanços tecnológicos prometam eficiência e alcance massivo, podem, inadvertidamente, inclinar-se para uma visão excessivamente mecanizada da educação.

Nesse cenário, o professor enfrenta o risco de ser reduzido a um mero executor de protocolos predefinidos, perdendo sua autonomia e capacidade de ser um agente transformador



na vida dos alunos. O tecnicismo pode comprometer a essência da emancipação docente, transformando o ensino em uma mera entrega de conteúdo descontextualizado e pessoal.

A verdadeira emancipação docente manifesta-se na habilidade do professor de ir além da simples transmissão de conteúdo. Ela se revela na capacidade de envolver os alunos de maneira ativa, estabelecer relações significativas e estimular o desenvolvimento do pensamento crítico. Nesse ponto, a autonomia e a emancipação se entrelaçam, criando um ambiente de aprendizagem rico e estimulante (Silva et al., 2013; Filatro, 2018).

Para que a emancipação docente floresça na EaD, é essencial encontrar um equilíbrio entre a autonomia do professor e as políticas públicas pré estabelecidas. As ferramentas digitais devem ser aliadas, não ditadoras do processo de ensino e aprendizagem. O professor deve assumir o papel de condutor educacional, utilizando as tecnologias para criar experiências de aprendizagem personalizadas, contextualizadas e inspiradoras (Silva et al., 2013).

## 6. Considerações finais

O presente estudo investigou a dicotomia entre autonomia e emancipação docente, buscando compreender suas nuances e impactos na prática pedagógica na EaD. O estudo revelou que a autonomia docente está diretamente relacionada à capacidade dos professores de tomar decisões sobre o planejamento curricular, as metodologias de ensino e a avaliação da aprendizagem.

Além disso, constatou-se que a autonomia proporciona aos educadores maior flexibilidade para adaptar suas práticas às necessidades e interesses dos alunos, promovendo a criatividade, a experimentação e a contextualização do conteúdo.

No entanto, o estudo também evidenciou que a emancipação docente transcende a autonomia, configurando-se como um processo de empoderamento dos professores. A emancipação incentiva os educadores a se engajarem na pesquisa educacional, questionarem as normas pré-estabelecidas e desafiarem paradigmas ultrapassados, assumindo um papel ativo na construção das políticas educacionais e na busca por um sistema de ensino mais justo e humanizado.

Os resultados desta pesquisa sugerem que a emancipação docente é um caminho promissor para a transformação da EaD. Ao investir na formação de professores críticos, autônomos e engajados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, é possível garantir uma educação de qualidade para os alunos.

Sendo assim, é crucial ressaltar que a sobrecarga de responsabilidades imposta aos professores da EaD não apenas compromete sua capacidade de desempenhar efetivamente esse papel de mediador, mas também reforça essa concepção limitada do docente como mero executor de tarefas técnicas. O acúmulo de funções administrativas e tecnológicas desvia a atenção do professor de sua verdadeira missão educacional, minando sua capacidade de atuar como facilitador do processo de aprendizagem dos alunos. Assim, a falta de suporte adequado e a excessiva carga de trabalho não apenas prejudicam o desenvolvimento profissional e pessoal dos docentes, mas também comprometem a qualidade da educação oferecida, reforçando uma visão reducionista e descontextualizada do papel do professor na sociedade contemporânea.

Por fim, este estudo contribui para uma reflexão sobre a importância da autonomia e da emancipação docente na EaD, evidenciando um formato mais eficaz e humanizado. As considerações deste estudo podem ser utilizadas por gestores educacionais, professores, tutores e demais profissionais da EaD para refletir, construir e repensar as práticas pedagógicas na promoção transformadora da modalidade.





## Referências

BEHAR, Patricia Alejandra. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Grupo A, 2009.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução: Maria João Alves, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto Codex/Portugal: Porto Editora, 1994.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela; revisão técnica, apresentação e notas à edição brasileira Selma Garrido Pimenta, 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FILATRO, Andrea. **Como preparar conteúdos para EAD**. Editora Saraiva, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, Acesso gratuito, 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/67312529/Paulo\\_Freire\\_pedagogia\\_da\\_autonomia.pdf](https://www.academia.edu/download/67312529/Paulo_Freire_pedagogia_da_autonomia.pdf). Acesso em: 19 fev. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, Henry Armand. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

MACHADO, Dinamara Pereira.; MORAES, Márcio Gilberto de Souza. **Educação a Distância: Fundamentos, Tecnologias, Estrutura e Processo de Ensino e Aprendizagem**. São Paulo: Editora Saraiva, 2015.

MILL, Daniel et al. **Prática polidocente em ambientes virtuais de aprendizagem: reflexões sobre questões pedagógicas, didáticas e de organização sociotécnica**. Ambientes virtuais de aprendizagem, p. 221-261, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In MINAYO, MCS (Org) Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOORE, Michael Grahame. **Teoria da distância transacional**. In M. G. Moore, G. Kearsley (Eds.), Educação a Distância: Uma Visão Integrada, 1993. p. 2-29.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Papirus Editora, 2000.

NÓVOA, António. **Imagens do futuro presente**. Lisboa: educa, 2009. Disponível em: <http://jornadapedagogica.educacao.ba.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/antonio-novoa-2009-professores-imagens-do-futuro-presente1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica Gather. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Artmed Editora, 2009.



RUHE, Valéria; ZUMBO, Bruno D. **Avaliação de educação a distância e e-learning**. Grupo A, 2012.

SILVA, Andreza Regina Lopes da et al. **Diretrizes de design instrucional para elaboração de material didático em EaD: uma abordagem centrada na construção do conhecimento**. 2013.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papyrus, 2007.

